

Leia o texto e responda as questões 1 e 2:

CHEGOU O OUTONO

Não consigo me lembrar exatamente o dia em que o outono começou no Rio de Janeiro neste 1935. Antes de começar na folhinha ele começou na Rua Marquês de Abrantes. Talvez no dia 12 de março. Sei que estava com Miguel em um reboque do bonde Praia Vermelha. [...]

Eu havia tomado o bonde na Praça José de Alencar; e quando entramos na Rua Marquês de Abrantes, rumo de Botafogo, o outono invadiu o reboque. Invadiu e bateu no lado esquerdo de minha cara sob a forma de uma folha seca. Atrás dessa folha veio um vento, e era o vento do outono. Muitos passageiros do bonde suavam.

No Rio de Janeiro faz tanto calor que depois que acaba o calor a população continua a suar gratuitamente e por força do hábito durante quatro ou cinco semanas ainda.

Percebi com uma rapidez espantosa que o outono havia chegado. Mas eu não tinha relógio, nem Miguel. Tentei espiar as horas no interior de um botequim, nada conseguindo. Olhei para o lado. Ao lado estava um homem decentemente vestido, com cara de possuidor de relógio.

– O senhor pode ter a gentileza de me dar as horas?

Ele espantou-se um pouco e, embora sem nenhum ar gentil, me deu as horas: 13:48. Agradei e murmurei: chegou o outono.

Chegara o outono. Vinha talvez do mar e, passando pelo nosso reboque, dirigia-se apressadamente ao centro da cidade, ainda ocupado pelo verão.

As folhas secas davam pulinhos ao longo da sarjeta; e o vento era quase frio, quase morno, na Rua Marquês de Abrantes. E as folhas eram amarelas, e meu coração soluçava, e o bonde roncava.

[...] Era iminente a entrada em Botafogo; penso que o resto da viagem não interessa ao público. [...] O necessário é que todos saibam que chegou o outono. Chegou às 13:48 horas, na Rua Marquês de Abrantes, e continua em vigor. Em vista do que, ponhamo-nos melancólicos.

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: Record, 2004.*

(Habilidade: Reconhecer o gênero discursivo.)

- 1ª) O gênero do texto é
- (A) editorial.
 - (B) artigo de opinião.
 - (C) reportagem.
 - (D) crônica.

(Habilidade: Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato)

- 2ª) O trecho que expressa uma opinião do narrador é
- (A) “Muitos passageiros do bonde suavam.” – 2.º parágrafo
 - (B) “... penso que o resto da viagem não interessa ao público.” – último parágrafo.
 - (C) “Sei que estava com Miguel em um reboque do bonde Praia Vermelha.” – 1.º parágrafo
 - (D) “Tentei espiar as horas no interior de um botequim, nada conseguindo.” – 4.º parágrafo

Leia o texto e responda a questão:

CAIXA

Carregamos pela vida afora os cheiros dos encontros raros, dos acontecimentos, da nossa primeira casa, do quintal, se houve quintal, da mãe na cozinha, dos sonhos quando acordamos. Se houvesse uma caixa para guardá-los, seriam nosso tesouro.

E então, em dias de saudade, abríamos nossa caixa e mergulharíamos como num túnel do tempo.

MURRAY, Roseana. *Cinco sentidos e outros. BH,*

(Habilidade: Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.)

- 3ª) No verso: “**Se** houvesse uma caixa para guardá-los, seriam nosso tesouro”, o termo sublinhado dá ideia de:
- (A) causa.
 - (B) tempo.
 - (C) condição.
 - (D) explicação.

Leia o texto para responder a próxima questão:

AS ROSAS NÃO FALAM

Bate outra vez
Com esperanças o meu coração
Pois já vai terminando o verão
Enfim, volto ao jardim
Com a certeza que devo chorar
Pois bem sei que não queres voltar
Para mim
Queixo-me às rosas
Mas que bobagem,
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai
Devias vir
Para ver os meus olhos tristonhos
E, quem sabe, sonhavas meus sonhos
Por fim

Composição de Cartola

(Habilidade: Localizar informação explícita)

4ª) A certa altura da letra da canção, o eu poético, na certeza de ter sido abandonado por sua amada, revela que faz queixas amorosas

- (A) às rosas do jardim.
- (B) ao verão que termina.
- (C) aos olhos de sua amada.
- (D) às esperanças do seu coração.

Leia o texto e responda as questões 5 e 6:

LENÇOL EM CURVA

Mauricio Matos

Rio de Janeiro, década de 80. Menino brasileiro que não sabe jogar bola tem uma parte da infância mutilada. Lembro-me de um, que de tão ruim nem para goleiro servia. Quando os dois craques do colégio tiravam a sorte, este menino já sabia que, sem dúvida, iria para o time de quem perdesse no par ou ímpar, com a seguinte observação: “fica na zaga e, quando vier a bola, chuta com força em qualquer direção”. Um outro sempre comentava rindo: “cuidado com o calcanhar para não fazer gol contra”. Era humilhante. Apesar disso, o menino adorava jogar bola. Humilde, ficava ali na defesa, quieto e atento. Quando vinha a bola em sua direção, sacudia o corpo em direção a ela e chutava... as pernas do atacante, o chão, muitas vezes o ar e, muito raramente, a bola. O objetivo maior era se desvencilhar o mais rápido possível da pelota para evitar o refrão: “Pereba!”. Ainda assim, ele gostava de futebol.

Um dia, estava o menino na zaga, chutando vento, pernas de atacantes, o chão. O jogo estava empatado em zero a zero. Era o último minuto da última partida de uma melhor de três, que também estava empatada. O menino errou as pernas do adversário e acertou (quem diria?) a bola. Tudo naquele momento foi paralisado. Tudo paralisado, até o tempo. A bola atravessou o campo, num gigante lençol em curva, encobriu os dois times inteiros, o goleiro adversário não acreditou e, quando viu... no ângulo superior esquerdo da trave, caía a bola, sem possibilidades de defesa. Um a zero e fim de jogo.

COELHO, Eduardo (organizador). Donos da Bola.

(Habilidade: Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto)

- 5ª) O assunto principal do texto é
- (A) a humilhação de ser derrotado em um momento de decisão.
 - (B) a infância de um menino pobre no Rio de Janeiro de hoje.
 - (C) o Rio de Janeiro, na década de 80 do século passado.
 - (D) a paixão pelo futebol de um menino ruim de bola.

(Habilidade: Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto)

- 6ª) O trecho em que se percebe o uso de uma marca linguística bem própria da fala informal é
- (A) “(quem diria?)” – 2.º parágrafo
 - (B) “Pereba!” – final do 1.º parágrafo
 - (C) “Era humilhante.” – 1.º parágrafo
 - (D) “Um a zero e fim de jogo.” – final do 2.º parágrafo

Leia e responda:

O OVO

Quem olha um ovo, que parece um rosto sem olhos, sem boca, sem nariz, tem vontade de pintar-lhe tudo isso que lhe falta. Mas quem vê cara não vê coração! E na verdade não há nada mais infeliz que um ovo quando o coitado, ainda por cima, está choco... Vive num constante medo que o derrubem... Pior ainda: que o ponham numa omelete... e adeus, lindo pintinho das suas entranhas!

Já afirmava certo sábio que o ovo é o que mais importa, não passando a galinha de

um mero pretexto da Natureza para produzir outro ovo. O tal sábio que, pelo visto, nada tinha de galináceo, também não tinha nada de humano. Eu talvez tenha a tendência de humanizar as coisas. Mas imagino o alvoroçado cacarejo de uma franguinha nova ao botar o primeiro ovo: “Enfim! Já sou mulher!”

Mas esse assunto do ovo não termina aqui, está emocionalmente ligado à minha infância, que nesse ponto foi uma infância infeliz porque naqueles tempos os livros de histórias vinham todos de Portugal e os pintinhos (nem queiram saber!), esses frementes novelos de vida que são os pintinhos, chegavam aqui com o nome de “pintainhos”!

QUINTANA, Mario. *Da preguiça*

(Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto)

7ª) O trecho em que se estabelece uma relação de causa e consequência é
(A) “Mas imagino o alvoroçado cacarejo de uma franguinha nova ao botar o primeiro ovo[...].”

(B) “E na verdade não há nada mais infeliz que um ovo quando o coitado, ainda por cima, está choco...”

(C) “[...] que nesse ponto foi uma infância infeliz porque naqueles tempos os livros de histórias vinham todos de Portugal [...]”

(D) “[...] o ovo é o que mais importa, não passando a galinha de um mero pretexto da Natureza para produzir outro ovo.”

Leia o texto e depois responda:

Se tudo pode acontecer

Arnaldo Antunes

Se tudo pode acontecer

Se pode acontecer qualquer coisa

Um deserto florescer

Uma nuvem cheia não chover

Pode alguém aparecer

E acontecer de ser você

Um cometa vir ao chão

Um relâmpago na escuridão

E a gente caminhando de mão dada

De qualquer maneira

Eu quero que esse momento

Dure a vida inteira

E além da vida ainda de manhã no outro dia

Se for eu e você

Se assim acontecer. . .

(Habilidade: Inferir informação em texto verbal)

8ª) O eu lírico do texto tem como característica

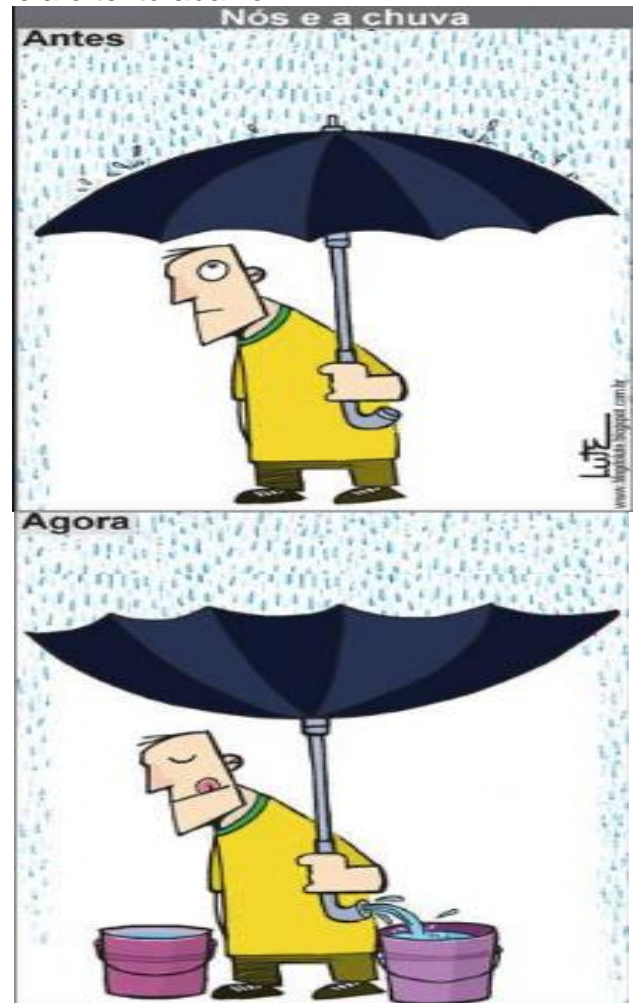
(A) o desgosto com a passagem do tempo.

(B) a preocupação com a natureza.

(C) a desconfiança.

(D) o otimismo.

Leia o texto abaixo:



<http://municipiosbaianos.com.br>

(Habilidade: Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso - propagandas, quadrinhos, foto etc.)

9ª) Percebe-se que o texto trata, principalmente,

(A) do uso inadequado do guarda-chuva, antigamente.

(B) da necessidade de aproveitamento da água, atualmente.

(C) da atitude de pessoas diferentes diante do mesmo problema.

(D) do problema causado pela dificuldade de previsão do tempo.



Leia o texto abaixo e depois responda a questão:

O asno e a carga de sal

Um asno carregado de sal atravessava um rio. Um passo em falso e ele caiu dentro da água. O sal então derreteu e o asno se levantou mais leve. Ficou todo feliz. Um pouco depois, estando carregado de esponja às margens do mesmo rio, pensou que se caísse de novo ficaria mais leve e caiu de propósito nas águas. O que aconteceu? As esponjas ficaram encharcadas e, impossibilitado de se erguer, o asno morreu afogado.

Algumas pessoas são vítimas de suas próprias artimanhas.

Fonte: Esopo. Fábulas.

(Habilidade: Inferir o sentido de uma palavra ou expressão)

10ª) Na expressão retirada do texto, "... pensou que se caísse de novo ficaria mais leve e caiu de propósito nas águas...", a expressão grifada significa:

- (A) Casualmente
 - (B) Intencionalmente.
 - (C) Coincidentemente.
 - (D) Proporcionalmente.
-